



A Santa Sé

VISITA PASTORAL DO SANTO PADRE A LIVORNO

19 DE MARÇO DE 1982

SANTA MISSA NA PRAÇA DA REPÚBLICA EM LIVORNO

HOMILIA DO PAPA JOÃO PAULO II

Sexta-feira, 19 de Março de 1982

Queridos Irmãos e Irmãs!

Encontro-me hoje aqui para, juntamente convosco, *venerar São José* no dia em que a Igreja inteira o venera. Ela venera-o como merece aquele admirável "homem justo", esposo — perante a lei — de Maria, virgem de Nazaré, Mãe do Filho de Deus.

Contemporaneamente a Igreja venera José de Nazaré como "artesão", como *homem do trabalho*, talvez carpinteiro de profissão. Ele foi o único — entre todos os homens do trabalho sobre a terra — junto de cujo banco de trabalho se apresentava todos os dias Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho do homem. Precisamente ele, José foi quem lhe ensinou a superar as dificuldades e a resistência do elemento "material" e a extrair da matéria informe as obras do artesanato humano. Foi ele, *José de Nazaré, quem ligou uma vez para sempre o Filho de Deus ao trabalho humano*. Graças a ele, o próprio Cristo pertence também ao mundo do trabalho e dá testemunho da sua altíssima dignidade diante dos olhos de Deus.

Livorno é um grande ambiente de trabalho. Desejamos, precisamente aqui, prestar veneração a São José. Desejamos manifestar deste modo que o mundo confiado como tarefa ao homem pelo Criador sempre e em todos os lugares da terra, e no meio de todas as sociedades e nações é "o mundo do trabalho". "*Mundo do trabalho*" quer dizer contemporaneamente "*mundo humano*". Foi precisamente sobre este "mundo" que se pronunciou o Concílio na Constituição sobre a Igreja no mundo contemporâneo, intitulada *Gaudium et spes*, que indica o "mundo", isto é o "*mundo*

humano" (que em medida principal é "o mundo do trabalho"), como o lugar da Igreja e como objecto da sua missão pastoral.

A Igreja está neste mundo. *É mandada a este mundo, porque "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único" (Jo 3, 16); e isto aconteceu, realizou-se no decurso de 30 anos na casa de José em Nazaré. Por isso veneramos hoje em São José aquele mundo, ao qual são mandados Cristo e a Igreja.*

2. E este "homem justo", ao mesmo tempo, fica inserido com toda a sua vida e a sua vocação *no mistério da Igreja*. Conhecemos a sua vida "oculta" e a sua vocação "silenciosa". Conhecemo-la suficientemente através do Evangelho; mas não lemos no Evangelho nenhuma palavra pronunciada por São José de Nazaré. Mas somos no entanto testemunhas dos acontecimentos que dizem quão profundamente o próprio Deus consolidou a vocação de São José no mistério da Igreja. Disso dão testemunho de modo particular as leituras da Liturgia de hoje.

O mistério da Igreja, isto é a realidade da Igreja de algum modo já nasceu da promessa que Deus fez a Abraão, e contemporaneamente daquela fé, com a qual Abraão respondeu à chamada de Deus. Justamente, no dia de São José, lemos a seguinte frase da Carta aos Romanos: "E assim, não foi mediante a lei que se verificou a promessa feita a Abraão e à sua posteridade, de que receberia o mundo como *herança*, mas por meio da justiça da fé. Portanto é pela fé que vem a herança, a fim de que a promessa seja garantida e certa para toda a posteridade, não somente para o que é da lei, mas também para o que é da fé de Abraão" (Rom 4, 13.16).

E, mais adiante, do mesmo Abraão escreve o Apóstolo: ele "*é pai* de todos nós. Conforme está escrito; Constituí-te pai de numerosas nações, perante Aquele em quem acreditara, o Deus que dá vida aos mortos, e chama o que não existe como se existisse" (Rom 4, 16-17). A passo com a fé vai a esperança. Abraão é "pai" da nossa *fé e da nossa esperança*: "Ele mesmo, contra o que podia esperar, acreditou que havia de ser pai de muitas nações" (Rom 4, 18).

E São Paulo continua: "Por este motivo é *que isso lhe foi atribuído à conta de justiça*" (Rom 4, 22).

3. Justamente relemos estas palavras na Liturgia da festa de hoje. Relemo-las com o pensamento em São José de Nazaré, que foi "homem justo", e a quem foi atribuído "à conta de justiça" o facto de ter acreditado no Deus, "que dá a vida aos mortos e chama à existência as coisas que ainda não existem". Estas palavras, escritas a propósito de Abraão, relemo-las hoje com o pensamento em José de Nazaré, que "contra o que podia esperar, acreditou". Isto aconteceu *no momento decisivo para a história da salvação*, quando Deus, Pai eterno, cumprindo a promessa feita a Abraão, "mandou o seu Filho ao mundo". Precisamente então, manifestou-se a fé de José de Nazaré, e manifestou-se à medida da fé de Abraão. Manifestou-se sobretudo quando *o Verbo do Deus vivo se fez carne em Maria*, esposa de José, a qual, ao anúncio do Anjo, "concebeu por

obra do Espírito Santo". E isto aconteceu — como escreve o evangelista Mateus — depois de desposada com José, mas "antes de coabitarem".

Assim, pois, a fé de São José devia manifestar-se *perante o mistério da Encarnação do Filho de Deus*.

Foi precisamente então que José de Nazaré passou a grande prova da sua fé, tal como a tinha passado Abraão.

Foi então que José, "homem justo", acreditou em Deus como naquele que "chama à existência as coisas que ainda não existem".

De facto, *o próprio Deus*, com o poder do Espírito Santo, chamou à existência no seio da Virgem de Nazaré, Maria, esposa prometida de José, a humanidade que foi própria do unigénito Filho de Deus, o Verbo Eterno do Pai.

Ele, Deus, é aquele que chama á existência as coisas que ainda não existem.

E José de Nazaré acreditou em Deus. Acreditou como já outrora tinha feito Abraão. Acreditou quando Deus lhe falou com a palavra do Anjo do Senhor. Estas palavras soam assim: "José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu, é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e pôr-Lhe-ás o nome de Jesus: porque Ele salvará o povo dos seus pecados" (*Mt 1, 20-22*).

José, que antes "não querendo difamá-la, resolveu deixá-la secretamente" (*Mt 1, 19*), agora "fez como lhe ordenara o Anjo do Senhor" (*Mt 1, 24*),

Tomou consigo Maria e Aquele que n'Ela tinha sido gerado.

Demonstrou-se deste modo um verdadeiro descendente de Abraão segundo a fé. Um descendente privilegiado. De facto, foi-lhe dado tornar-se a testemunha mais directa, e quase *a testemunha ocular do cumprimento da promessa*, feita outrora a Abraão e aceita mediante a fé.

Este "contra o que podia esperar, acreditou" – e José acreditou da mesma maneira. Ele foi chamado com a voz de Deus, a fim de que a esperança da salvação pudesse realizar-se no mundo.

4. *A Igreja vive da herança da fé de Abraão.*

A Igreja surgiu e existe para que a promessa dada outrora a Abraão pudesse cumprir-se no mundo. A Igreja *liga o seu início* – a realização da esperança no mundo – também com a fé de

José de Nazaré.

O que exala de toda a sua figura é a fé de Abraão. A sua fé é a mais próxima *semelhança e analogia com a fé de Maria de Nazaré*. Ambos – Maria e José – estão unidos com este admirável vínculo. Perante os homens, o seu vínculo é o matrimonial. Perante Deus e a Igreja, são as núpcias no Espírito Santo.

Mediante estas núpcias na fé tornaram-se ambos, Maria e junto dela José, *as testemunhas e dispensadores do mistério*, mediante o qual o mundo criado e sobretudo os corações humanos se tornam de novo habitação do Deus Vivo.

José de Nazaré é "homem justo", porque "vive da fé" totalmente. É santo, porque a sua fé é verdadeiramente heróica.

A Sagrada Escritura fala pouco dele — pouco mais do que foi lido na Liturgia de hoje. Não transcreve nem sequer uma palavra que José, carpinteiro de Nazaré, tenha pronunciado. E todavia, mesmo sem palavras, *ele demonstra a profundidade da sua fé*, a sua grandeza.

São José é grande no espírito. É grande na fé, não porque pronuncia palavras próprias, mas sobretudo *porque escuta as palavras do Deus vivo*.

Escuta em silêncio. E o seu coração persevera incessantemente na prontidão em *aceitar a Verdade* contida na palavra do Deus vivo. Para a aceitar e *realizá-la* com amor.

Por conseguinte, José de Nazaré torna-se verdadeiramente uma testemunha admirável do Mistério Divino. Torna-se um dispensador do *Tabernáculo*, que Deus escolheu para si sobre a terra a fim de realizar a obra da salvação.

5. Olhando hoje, com veneração e com amor, para a figura de São José, devemos neste olhar *renovar a nossa própria fé*.

Vemos como a palavra do Deus vivo cai profundamente na alma daquele homem — daquele Homem justo.

E nós, *sabemos escutar a palavra de Deus*? Sabemos assimilá-la com a profundidade do nosso "eu" humano? Abrimos perante este Verbo a nossa consciência?

Ou — pelo contrário — nos detemos só na *superfície* da palavra de Deus? Não lhe abrimos um acesso mais profundo à alma? Não acolhemos esta palavra no silêncio da prontidão interior, tal como José de Nazaré? *Não criamos as condições* para que ela possa agir dentro de nós e dar frutos?

Escutamos a palavra de Deus? Lemos a Sagrada Escritura? Participamos na catequese?

Temos tanta necessidade da fé!

Étão necessária *uma grande fé!*

Precisamente hoje os homens, as famílias, as comunidades e a Igreja têm necessidade de uma grande fé.

E a fim de nos prepararmos para o olhar maturo da fé sobre os problemas da Igreja e do mundo contemporâneo é que precisamente a Providência Divina nos deu o Concílio Vaticano II, o seu ensinamento e a sua orientação.

Énecessário que agora, em cada comunidade que também são as igrejas — pelo menos nas "igrejas domésticas" —, o *trabalho* persevere na assimilação deste ensinamento.

Épreciso ler, é preciso escutar, e aceitar no silêncio da prontidão interior aquela palavra, que o Espírito Santo "diz à Igreja" do nosso tempo.

Sei que neste sentido trabalha o *Sínodo diocesano da Igreja em Livorno*.

Recomendo hoje a São José os frutos deste trabalho.

6. "José, Filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo" (*Mt 1, 20*).

Povo de Deus! Igreja Livornesa!

Não temas receber, juntamente com José de Nazaré, *Maria*. Não temas *receber Jesus Cristo*, o seu Filho, em toda a tua vida.

Não temas recebê-lo numa fé semelhante à fé de José.

Não temas recebê-lo sob os tectos das tuas casas — como José acolheu Jesus sob o tecto da casa de Nazaré. Não temas receber Cristo no teu *trabalho* quotidiano.

Não temas recebê-lo no *teu "mundo"*.

Este "mundo" será então verdadeiramente "humano". Tornar-se-á cada vez mais humano.

De facto, só o Deus-Homem pode fazer o nosso "mundo humano" plenamente "*humano*".

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana